

RELATOS VERBAIS MATERNOS SOBRE PALAVRAS DE ESTADOS SUBJETIVOS QUE SEUS FILHOS PEQUENOS ENTENDEM E/OU FALAM*

José Moysés Alves

Departamento de Psicologia Experimental/UFPA

Arno Engelmann

Departamento de Psicologia Experimental/IPUSP

Resumo: Aprendendo a falar sobre estados subjetivos, as crianças compartilham com os adultos a psicologia ingênua que a cultura dispõe para explicar as ações de seus membros. Existem diferenças de classe, sexo e faixa etária nesta aquisição? Neste estudo, oitenta mães de meninos e meninas, entre 18 e 41 meses, de classe média e baixa, marcaram em uma lista composta por 43 palavras, aquelas que seus filhos entendiam e/ou falavam. A partir dos relatos maternos, diferenças significativas foram encontradas entre as classes, mas não entre os sexos. Também encontraram-se diferenças significativas de uma faixa etária para a seguinte. As palavras entendidas e/ou faladas primeiramente podem ser categorizadas como denotativas de estados fisiológicos, perceptuais, volicionais e emocionais básicos, e posteriormente como palavras denotativas de processos cognitivos e emocionais derivados. Estes resultados corroboram outros com crianças de língua inglesa.

Palavras-chave: desenvolvimento inicial da fala, estados subjetivos, classe social, sexo.

MOTHER'S VERBAL REPORTS REGARDING WORDS CONNOTING SUBJECTIVE STATES THAT THEIR YOUNG CHILDREN UNDERSTAND AND/OR VERBALIZE

Abstract: When learning to talk about subjective states, children share with adults the folk psychology utilized by their culture for explaining the actions of its members. Here we inquire whether there are differences between social class, sex and age groups in the acquisition of words denoting subjective state words. In the present study, eighty middle and lower class mothers of children, ranging in age from eighteen to forty-one months, answered a questionnaire containing forty-three words, inquiring as to whether their children understood and/or verbalized each one. Based on the mother's reports, significant differences were found between the social classes and ages, but not between sexes. The words understood/spoken at the younger age levels may be categorized, in content, as physiological, perceptual, volitional, and basic emotional states. Words denoting cognitive and derived emotional processes were understood/spoken at subsequent age levels. These results agree with findings for English-speaking children.

Key words: early speech development, subjective states, social class, sex differences.

Aprendendo a falar sobre estados subjetivos, as crianças compartilham com os adultos a psicologia do senso comum que a cultura dispõe para expli-

car as ações de seus membros. De acordo com Wellman (1990), essa psicologia seria uma teoria, não uma teoria científica desenvolvida, mas uma teoria ingê-

* Este trabalho faz parte da Tese de Doutorado do primeiro autor e, numa versão preliminar, foi apresentado como poster no Twelfth Biennial Meetings of the ISSBD. O autor recebeu bolsa do PICD/CAPES durante o doutorado.

nua, uma vez que estabelece distinções ontológicas, já que postula entidades e processos mentais distintos dos objetos e eventos físicos: apresenta coerência, pois seus termos ganham significado numa rede de construtos interrelacionados e porque apresenta um quadro explicativo-causal, a partir do qual as ações são explicadas e previstas por referência a crenças e desejos.

A fala sobre estados subjetivos (percepções internas, não localizadas, segundo Engelmann, 1978) sofre influências históricas (Duby, 1990; Ariés, 1991) e culturais (Markus & Kitayama, 1991; Russell, 1989, 1991). Em uma mesma cultura, situada no tempo, pode sofrer influências de variáveis, tais como a classe social e o sexo.

Com base no trabalho do sociólogo inglês Basil Bernstein, Nicolacida-Costa (1988) argumenta que

diferentes estruturas sociais geram diferentes sistemas de fala que, associados a diferentes modos de agenciamento e controle familiar de comportamentos, sentimentos e formas de se relacionar com o mundo externo e interno, têm importantes conseqüências psicológicas (p. 633).

A autora nos fala de dois modelos de socialização: O “modelo da identidade compartilhada” e o “modelo da identidade diferenciada”. O primeiro teria suas origens nas “camadas populares” e o segundo nas “camadas médias”. Destacamos o papel da linguagem em cada um desses modelos, pois esse é o foco no presente trabalho.

No primeiro modelo, o de “identidade compartilhada”, a ênfase é dada para a semelhança entre os membros de um determinado grupo social, e isso

reduz a necessidade do sujeito de elaborar verbalmente (e explicitar) sua experiência, intenção ou motivação individual (isto é, reduz a necessidade de explicitar a diferença e a separação). Assim sendo, existem áreas do *self* que terão pouca possibilidade de diferenciar-se através da fala e de se tornar objeto de atenção para o próprio sujeito (p. 634).

Já no “modelo de identidade diferenciada”, a ênfase recai nas diferenças entre os membros de um determinado grupo social.

neste modelo a linguagem torna-se fundamental para a comunicação e explicitação de experiências, intenções e motivações individuais e únicas. Conseqüentemente, áreas inteiras do *self* podem diferenciar-se na fala e ganhar visibilidade para o próprio sujeito e para os outros (p. 634).

Espera-se, portanto, ao menos teoricamente, que diferentes camadas sociais falem diferentemente sobre estados subjetivos. Mas até que ponto diferentes modelos de socialização teriam influência sobre a aquisição do vocabulário de termos denotativos desses estados? Pelo anteriormente exposto, poder-se-ia esperar que a aquisição deste vocabulário entre as crianças das “camadas populares” fosse menos variado ou mais lento que o das “camadas médias”?

Pesquisas nessa área têm sido feitas quase que exclusivamente com crianças de classe média (Bretherton & Beeghly, 1982; Dunn, Bretherton, Munn, 1987; Leal, 1985; Ridgeway, Watters, Kuczaj II, 1985). Uma exceção é o trabalho de Hall & Nagy (1987), no qual 39 crianças de quatro anos e meio a cinco anos, brancas e negras, de classe baixa e classe média, foram comparadas em casa e na escola quanto ao uso de “pala-

avras de estados mentais”¹. Os resultados mostraram maior frequência de uso destas palavras em casa, pelas crianças negras, mas, na escola, a maior frequência de uso foi das crianças brancas. A diferença observada entre todas as crianças, de usarem menos essas palavras na escola do que em casa, foi mais acentuada para as crianças negras de classe trabalhadora. Não houve diferença significativa no uso de “palavras de estado mental” entre mães e professores. Os autores discutiram que nem a falta de familiaridade com as palavras e nem a fala dos professores poderiam explicar o desempenho das crianças negras na escola. Segundo os autores, seus resultados não dão suporte à hipótese de que alguns grupos sociais oferecem mais experiências metacomportamentais para suas crianças que outros. Crianças de todos os grupos parecem possuir uma mesma proporção de estratégias e habilidades associadas com o uso de “palavras de estados mentais”. A diferença racial que apareceu na escola foi específica da situação.

Vê-se, portanto, que se pode chegar a hipóteses opostas em relação à influência da classe social na aquisição de fala sobre estados subjetivos. Além disso, existe uma outra variável cuja influência sobre a aquisição desse vocabulário ainda é controversa: o sexo.

Segundo Greif, Alvarez, Ulman (*apud* Brody, 1985) mães tendem a enfatizar raiva mais frequentemente quando contam histórias para filhos pré-escolares do que para as filhas e pais enfatizam “palavras afetivas”, em geral, quando contam histórias para suas filhas pré-escolares. Em outro estudo Greif (*apud* Brody, 1985) encontrou que tanto pais quanto mães falaram “palavras af-

tivas” mais frequentemente enquanto contavam histórias para meninas de 3-5 e 9-11 anos do que quando contavam histórias para meninos da mesma idade, porém mais frequentemente, quando contavam histórias para meninos de 6-8 anos que para meninas da mesma idade.

Leal (1985) também encontrou uma maior porcentagem de nomes de estados subjetivos para meninas do que para meninos de 3-7 anos de idade, exceto na faixa etária de quatro anos em que aconteceu o contrário.

Dunn et al. (1987), estudando as conversas sobre “sentimentos” entre mães e crianças pequenas de 18-24 e 25-32 meses, encontraram que tanto as mães quanto os irmãos mais velhos falaram mais sobre “sentimentos” às meninas do que aos meninos e, aos 24 meses, as próprias meninas referiram-se mais a “sentimentos” que os meninos. Por outro lado, Bretherton & Beeghly (1982) não encontraram nenhum efeito do sexo sobre a aquisição de vocabulário de “estados internos” aos 28 meses.

Nota-se, a partir do acima exposto, que as hipóteses a serem derivadas de teorias e os resultados das pesquisas são desencontrados no que diz respeito à influência da classe e do sexo na aquisição de fala sobre estados subjetivos, justificando estudos que investiguem o papel dessas variáveis.

Quando as crianças começam a falar sobre estados subjetivos? Que mudanças ocorrem nesse desenvolvimento inicial?

Por volta de 18-20 meses de idade, as crianças começam a falar suas primeiras palavras de estados subjetivos. Antes, porém, elas já são capazes de, entre outras coisas, reconhecer expressões faciais de emoções. Durante o ter-

ceiro ano de vida a criança tem o seu vocabulário sobre estados subjetivos bastante aumentado (Bretherton, Fritz, Zahn-Waxler, 1986; Dunn et al. 1987; Ridgeway et al. 1985). Aos 28 meses as crianças usam mais palavras que podem ser categorizadas como “fisiológicas, volitivas e perceptuais” que “palavras emocionais, cognitivas e de obrigação moral” (Bretherton & Beeghly, 1982).

Entre as “palavras emocionais”, as consideradas mais “básicas” são adquiridas antes das “derivadas” (que podem ser definidas em termos de sentimentos mais básicos), segundo Ridgeway et al. (1985).

O objetivo do presente estudo foi investigar a influência da classe social e do sexo no desenvolvimento do vocabulário de estados subjetivos, em crianças de 18 meses a três anos, a partir dos relatos verbais de suas mães.

Seriam os relatos verbais de adultos, dados confiáveis a respeito da aquisição de vocabulário de estados subjetivos pelas crianças?

Zelko, Duncan, Barden, Garber (1986) estudaram as previsões de adultos sobre as reações emocionais de crianças. Seus resultados mostraram que estas previsões foram semelhantes para crianças de diferentes faixas etárias. Essas mesmas crianças responderam de forma diferente. Então, os autores notaram que as previsões dos adultos estavam mais de acordo com as respostas das crianças mais velhas (3ª e 6ª séries) que das crianças pré-escolares.

Os resultados do estudo de Zelko et al. (1986), portanto, apesar de não tratarem especificamente da aquisição de vocabulário de estados subjetivos, indicam que dados obtidos com adultos podem não ser confiáveis. Porém, nesse

estudo os informantes não eram pais de crianças nas idades especificadas. Seriam, então, os relatos verbais de pais de crianças de um ano e meio a três anos, dados confiáveis a respeito da aquisição de vocabulário sobre estados subjetivos?

Bretherton & Beeghly (1982) argumentaram que quando os comportamentos alvo são infreqüentes, os pais têm maior chance de observá-los do que um psicólogo visitante. Argumentaram também que, uma vez que os pais tendem a evitar situações emocionais muito carregadas na presença de visitas, algumas falas da criança, comuns a estas situações, não seriam observadas e os pais poderiam relatá-las posteriormente. Além disso, com base no trabalho de outros autores, argumentaram que mesmo quando as crianças conhecem bem os experimentadores, usam menos “linguagem de emoção” na sua presença. Outra razão para usar os dados obtidos com mães é que, por serem elas quem geralmente passam a maior parte do tempo com a criança, têm mais condições de interpretar o que a criança falou em uma determinada situação.

Segundo Bretherton & Beeghly (1982),

estudos prévios demonstraram que dados confiáveis podem ser obtidos da mãe, se a informação requerida for restrita ao comportamento presente da criança e a mãe for solicitada a dar exemplos específicos (p. 908).

Ridgeway et al. (1985) realizaram um estudo em que a informação requerida das mães não era restrita ao comportamento presente da criança e as mães também não foram solicitadas a dar exemplos específicos. Seus resultados confirmaram os de Bretherton &

Beeghly (1982) e outros estudos feitos a partir de interações verbais ocorrendo naturalmente. Isto nos permite justificar a metodologia adotada no presente estudo.

MÉTODODO

SUJEITOS

As informantes foram 80 mães de meninas e meninos de classe baixa e classe média, selecionadas a partir de creches e/ou escolinhas particulares ou públicas, do centro ou da periferia da cidade de Belém-PA. Foram cinco informantes de cada classe social e para cada sexo, em cada uma das faixas etárias especificadas: 18 - 23; 24 - 29; 30 - 35 e 36 a 41 meses (5 informantes X 2 classes X 2 sexos X 4 faixas etárias = 80 informantes).

PROCEDIMENTO

Os dados foram coletados por meio de um questionário. As informantes responderam aos questionários individualmente, na presença do pesquisador e receberam explicações orais quando solicitavam. O questionário continha as seguintes instruções: "Leia a lista a seguir e marque um "x" no espaço entre parênteses, se você julga que seu filho entenderia caso alguém falasse quaisquer dessas palavras para nomear seus próprios sentimentos ou o de outras pessoas. Só marque o "x" se você julga que ele entenderia exatamente a palavra ou suas variações, por exemplo, para "gostar": gosta, gostou, gostava etc. No caso de você achar que ele entenderia um sinônimo da mesma, escreva esse sinônimo ao lado da palavra da lista".

- "Você acha que seu filho entenderia se alguém falasse: (seguia a lista de 43 palavras, que podem ser vistas na tabela 1)".

Em outra página:

"Leia a lista a seguir, procure se lembrar e marque um "x" no espaço entre parênteses, se você já ouviu seu filho falar quaisquer dessas palavras para nomear seus próprios sentimentos ou o de outras pessoas. Faça o mesmo que na lista anterior com relação aos sinônimos. Atenção: Se você ouviu seu filho repetir quaisquer dessas palavras imediatamente após uma outra pessoa falar, e só nessa situação, não marque o "x".

- Você já ouviu seu filho falar: (seguia a mesma lista de 43 palavras).

As 43 palavras que constavam na lista foram selecionadas a partir da Lista de Estados Presentes (LEP) de Engelmann (1986), que contém os nomes de "ânimos" mais usados por adultos brasileiros. Porém, algumas palavras foram excluídas por serem consideradas inadequadas para o estudo com crianças de até três anos (ex. "sentir atração sexual", "achar algo estranho"); outras palavras foram incluídas (ex. "fingindo", "pensando"), pois pretendia-se comparar os resultados deste com os de outros estudos. Também considerou-se na elaboração desse questionário nossa experiência prévia com a coleta desse tipo de dados, a partir da qual decidiu-se por uma lista com poucas palavras e instruções claras, a qual era lida e respondida duas vezes pela mãe, sempre na mesma ordem. Primeiro, ela deveria marcar quais palavras da lista seu filho entenderia caso alguém falasse e, em seguida, marcar que palavras ela já tinha ouvido seu filho falar.

RESULTADOS

A figura 1 mostra o total de palavras da lista entendidas e/ou faladas por crianças de cada classe, em cada faixa etária, segundo os relatos das mães. Nota-se que mais crianças de classe média do que de classe baixa entendiam e falavam palavras de estados subjetivos nas três primeiras faixas etárias.

rias. As diferenças foram significativas apenas nas duas primeiras faixas etárias: entre 18 e 23 meses ($\chi^2 = 11,524$ (gl = 1, $p < 0,001$) para entende e $\chi^2 = 6,211$ (gl = 1, $p < 0,01$) para fala) e entre 24 e 29 meses ($\chi^2 = 20,94$ (gl = 1, $p < 0,001$) para entende e $\chi^2 = 36,507$ (gl = 1, $p < 0,001$) para fala).

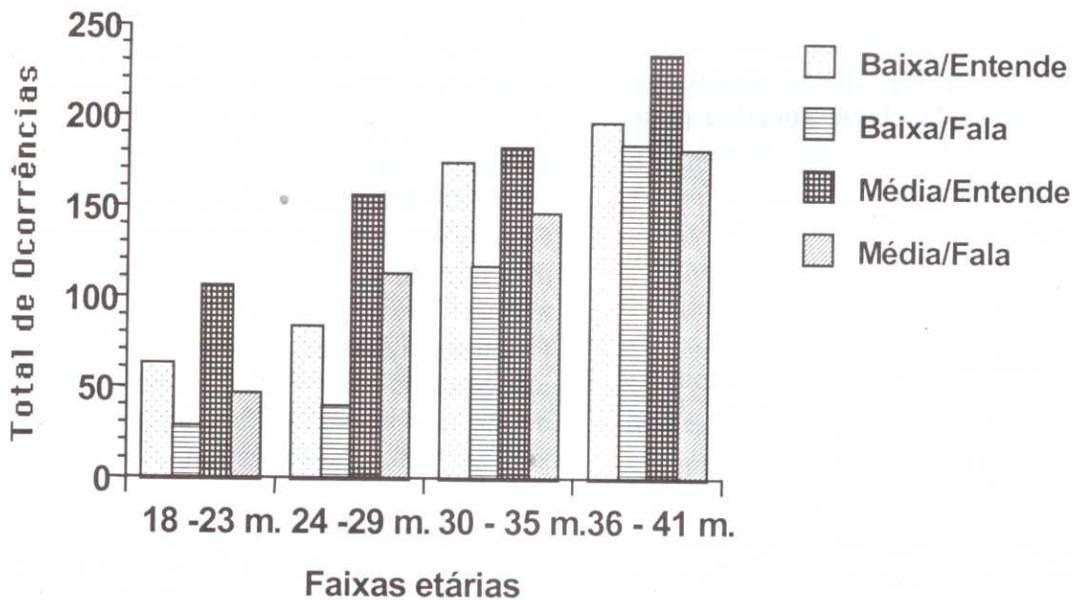


Figura 1. Total de compreensão e de fala dos termos pelas crianças, segundo o relato de mães de classe baixa e de classe média, em cada faixa etária.

A figura 2 apresenta o total de palavras da lista entendidas e/ou faladas por crianças de cada sexo, em cada faixa etária, segundo os relatos das mães. Nota-se, em geral, um total maior de

palavras entendidas e/ou faladas por meninas do que por meninos, mas não foram encontradas diferenças significativas em relação a entender ou falar as palavras em nenhuma das faixas etárias.

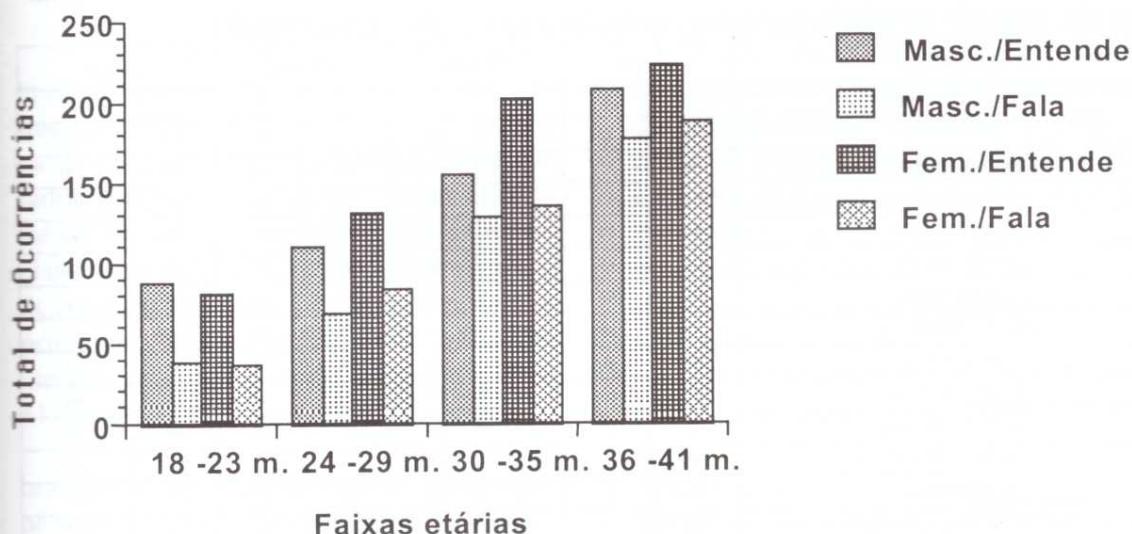


Figura 2. Total de compreensão e/ou de fala dos termos pelas crianças, segundo o relato de mães de meninos e de meninas, em cada faixa etária. O máximo por coluna é 430 (10 crianças X 43 termos).

A tabela 1 mostra a porcentagem de crianças que, segundo os relatos das mães, entendiam e/ou falavam cada palavra, em cada faixa etária. Nota-se que o total de palavras entendidas foi superior ao de palavras faladas, em todas as faixas etárias e que o total de palavras entendidas e/ou faladas em uma faixa etária foi sempre superior ao obtido para a faixa etária precedente. As diferenças notadas foram significativas: $\chi^2 = 21,4422$ (gl = 3, $p < 0,001$). Nota-se também um aumento na variedade de termos entendidos e ou falados de uma faixa etária para outra. Mais especificamente, nota-se que “sede”, “sono”, “fome”, “medo” e “querendo”, já são entendidas e faladas por 50% ou mais das crianças de 18-23 meses. Também que “calor”, “frio” e “cansado” são enten-

didadas e faladas pela maioria das crianças de 24-29 meses. Além disso, 50% ou mais das crianças de 30-35 meses entendiam e falavam “triste”, “saudades”, “gostando” e “sentindo mal”. Adicionalmente, a maioria das crianças de 36-41 meses entendiam e falavam “alegre”, “raiva” e “assustado”. Ressalte-se que muitas outras palavras já são entendidas e faladas por mais de 30% das crianças nas duas últimas faixas, entre elas “pensando”, “lembrando”, “ciúme” e “pena”, segundo os relatos maternos.

Tabela 1. Porcentagem de crianças que entendem (E) e falam (F) cada termo, em cada faixa etária, segundo os relatos maternos (tradução para o inglês acrescentada).

IDADE	18-23 M		24-29 M		30-35 M		36-41 M	
	E	F	E	F	E	F	E	F
PALAVRAS / Words								
SEDE/Thirsty	75	55	95	65	95	85	100	100
FOME/Hungry	70	55	80	75	90	85	95	100
SONO Sleepy	85	55	70	60	100	90	95	95
FRIO/Feel cold	35	20	75	60	85	75	90	90
CALOR/Feel hot	65	15	70	60	90	85	90	85
MEDO/Afraid	50	50	95	60	90	80	85	85
QUERENDO/Wanting	75	65	85	85	70	75	85	80
TRISTE/Sad	50	0	60	20	75	55	85	80
CANSADO/Tired	25	15	60	55	85	80	80	80
GOSTANDO/Loving	20	10	35	20	70	50	80	75
ALEGRE/Happy	45	5	60	25	75	30	75	70
RAIVA/Angry	45	5	35	20	90	45	90	65
SAUDADE/Missing someone	35	15	55	25	55	50	75	65
SENT. MAL/Feeling bad	10	0	15	0	60	50	80	55
SABENDO/Knowing	15	5	25	20	50	60	70	55
ASSUSTADO/Scared	20	5	50	25	50	35	60	50
ESQUECENDO/Forgetting	0	5	10	10	25	15	50	45
PENSANDO/Thinking	5	0	25	15	40	25	45	45
LEMBRANDO/Reminding	5	5	15	15	40	25	55	40
SENT. BEM/Feeling well	5	0	10	5	45	30	50	40
CALMO/Calm	5	0	15	0	30	10	40	40
CUIDADO/Cautious	0	0	20	10	25	25	35	40
NOJO/Repugnance	15	5	10	5	25	20	70	35
ENTENDENDO/Understanding	15	5	30	20	40	30	45	35
CHATEADO/Bored	10	0	30	10	45	20	45	35
FINGINDO/Pretending	0	0	0	5	15	10	35	35
CIÚME/Jealousy	20	5	15	0	70	25	35	30
PENA/Pitty	5	0	15	0	30	15	35	30
VERGONHA/Shame	15	0	25	0	45	20	55	25
ADIVINHANDO/Guess	5	0	0	0	20	10	30	15
IMAGINANDO/Imaginating	0	0	0	0	0	0	20	15
ARREPENDIDO/To be sorry for	0	0	0	0	5	5	15	15
CULPADO/Guilty	0	0	0	0	5	5	10	15
SEM GRAC'A/Disappointed	0	0	5	0	5	0	15	10
ALIVIADO/Alleviated	0	0	5	0	0	0	15	10
CONFORMADO/Resigned	0	0	0	0	5	0	15	10
INVEJA/Envy	0	0	5	0	0	0	15	10
SURPRESO/Surprised	5	0	10	0	5	0	25	5
ADMIRADO/Admired	0	0	0	0	20	5	15	5
ORGULHOSO/Proud	10	0	5	0	10	0	15	5
INTERESSADO/Interested	0	0	5	0	0	0	15	5
CONFUSO/Confused	0	0	0	0	0	0	10	0
HUMILHADO/Humiliated	0	0	0	0	0	0	0	0

DISCUSSÃO

Os resultados do presente estudo apoiam apenas parcialmente a visão de que diferentes grupos sociais atribuem valor variável à fala da criança sobre estados subjetivos, já que só foram encontradas diferenças significativas entre as classes em relação ao uso e compreensão de palavras de estados subjetivos nas duas primeiras faixas etárias (entre 18 e 29 meses) e não nas duas últimas (entre 30 e 41 meses), segundo os relatos maternos.

Em um estudo com crianças brasileiras do Recife, Dias (1992) também encontrou diferenças devido à classe social num domínio relacionado ao desenvolvimento da fala sobre estados subjetivos: a distinção entre aparência e realidade. A autora mostrou que as crianças de classe média saíram-se melhor do que as de classe baixa e estas melhor do que outras crianças de classe baixa que moravam em orfanatos. Esses resultados alertam para o fato de que as diferenças atribuídas à classe social seriam melhor entendidas pela qualidade e quantidade de contato social a que as crianças estão expostas.

Os resultados mostraram também que, segundo os relatos das mães, mais crianças entendiam do que falavam palavras estados subjetivos, em todas as faixas etárias. Como a mãe julga que a criança entenderia um determinado termo caso alguém falasse? Valeria a pena pesquisar a natureza das inferências da mãe sobre a compreensão que as crianças possuem acerca de estados subjetivos. Entretanto, independentemente da natureza das crenças da mãe sobre a compreensão da criança, elas certamente influenciam as verbalizações da mãe dirigidas à criança, favorecendo ou não a for-

mação daquele conceito pela criança.

Provavelmente, as mães ao relatarem que seus filhos entenderiam determinada palavra ou que já os tinham ouvido pronunciarem, estariam levando em conta o significado da mesma. Porém, cabe ressaltar aqui as limitações do estudo em pauta no que se refere ao conceito que se encontra por trás de cada palavra: nada podemos dizer a esse respeito com base nas informações coletadas.

Diferentemente dos resultados da pesquisa de Zelko et al. (1986), mencionados anteriormente, no qual os adultos fizeram previsões semelhantes para o desempenho de crianças de diferentes idades, na pesquisa em pauta, a faixa etária da criança levou a relatos verbais diferentes por parte das mães. Esta diferença deve-se, provavelmente, ao fato de, no trabalho daqueles autores, os adultos terem sido solicitados a relatar sobre o desempenho de crianças de uma certa idade e não sobre o desempenho de uma criança específica com a qual tivessem familiaridade. Seus relatos podem ter ficado, portanto, mais sob o controle de suas crenças que das observações dos comportamentos das crianças.

Adicionalmente, os resultados do presente estudo mostraram que, segundo os relatos maternos, algumas palavras de estados subjetivos (categorizáveis como perceptuais, fisiológicas, volicionais e emocionais básicas) são aprendidas antes que outras (categorizáveis como cognitivas e emocionais derivadas), confirmando resultados de pesquisas com crianças de língua inglesa, tais como os de Bretherton & Beeghly (1982) e os de Ridgeway et al. (1985).

¹ Ao longo do texto, o leitor encontrará, entre aspas, expressões usadas por outros autores para circunscrever listas de palavras semelhantes à investigada no presente artigo, sob a denominação de palavras de estados subjetivos. Existe uma grande variedade terminológica nesta área de pesquisa, que reflete diferentes concepções dos fenômenos em estudo. Esta discussão está além dos propósitos do presente trabalho, que se preocupou apenas com a aquisição de vocabulário de estados subjetivos. O leitor encontrará alguns elementos para esta discussão em Alves (1993).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, J. M. *Uma abordagem psicológica ao desenvolvimento inicial da fala sobre volição, afeto e cognição*. São Paulo, 1993. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- ARIÈS, P. Por uma história da vida privada. In: ARIÈS, P., CHARTIER, R. (Orgs.) *História da vida privada 3: da renascença ao século das luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 7-19.
- BRETHERTON, I., BEEGHLY, M. Talking about internal states: the acquisition of an explicit theory of mind. *Developmental Psychology*, v. 18, n. 6, p. 906 - 921, 1982.
- BRETHERTON, I., FRITZ, J., ZAHNVAXLER, C., RIDEWAY, D. Learning to talk about emotion: a functionalist perspective. *Child Development*, v. 57, p. 529-548, 1986.
- BRODY, L. R. Gender differences in emotional development: a review of theories and research. *Journal of Personality*, v. 53, n. 2, p. 102-149, 1985.
- DIAS, M. G. A brincadeira de faz-de-conta como capacidade para diferenciar entre o real e o imaginário. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 8, n. 3, p. 363-371, 1992.
- DUBY, G. A solidão nos séculos XI-XIII. In: ARIÈS, P., CHARTIER, R. (Orgs.) *História da vida privada 2: da Europa feudal à renascença*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 503-526.
- DUNN, J., BRETHERTON, I., MUNN, P. Conversations about feelings states between mothers and their young children. *Developmental Psychology*, v. 23, n. 1, p.132-139, 1987.
- ENGELMANN, A. *Os estados subjetivos: uma tentativa de classificação dos seus relatos verbais*. São Paulo: Ática, 1978.
- ENGELMANN, A. LEP – uma lista, de origem brasileira, para medir a presença de estados de ânimo no momento em que está sendo respondida. *Ciência e Cultura*, v. 38, n. 1, p. 121-146, 1986.
- HALL, W. S., NAGY, W. E. The semantic-pragmatic distinction in the investigation of mental state words: the role of the situation. *Discourse Processes*, v.10, p. 169-180, 1987.
- LEAL, I. K. *Nomes de estados subjetivos usados por crianças de 3 a 7 anos: um estudo descritivo*. São Paulo, 1985. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- MARKUS, H. R., KITAYAMA, S. Culture and the self: implications for cognition, emotion, and motivation. *Psychological Review*, v. 98, n. 2, p. 224-253, 1991.
- NICOLACI-DA-COSTA, A. M. Estruturas sociais e subjetividade. In: REUNIÃO ANUAL DE PSICOLOGIA, 18, 1988. Anais. Ribeirão Preto: 1988, p. 633-642.

- RIDGEWAY, D., WATERS, E., KUCZAJ II, S. A. Acquisition of emotion-descriptive language: receptive and productive vocabulary norms for ages 18 months to 6 years. *Developmental Psychology*, v. 21, n. 5, p. 901-908, 1985.
- RUSSELL, J. A. Culture, scripts, and children's understanding of emotion. In: SAARNI, C., HARRIS, P. L. (Eds.) *Children's understanding of emotion*, Cambridge University Press, 1989, p. 293-318.
- RUSSELL, J. A. Culture and the categorization of emotions. *Psychological Bulletin*, v. 110, n. 3, p. 426-450, 1991.
- WELLMAN, H. M. *The child's theory of mind*. Cambridge, MA: MIT Press, 1990.
- ZELKO, F. A., DUNCAN, S. W., BARDEN, R. C., GARBER, J. Adults' expectancies about children's emotional responsiveness: implications for the development of implicit theories of affect. *Developmental Psychology*, v. 22, n. 1, p. 109-114, 1986.